

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Instituto Histórico de Mato Grosso)

Monsenhor Bento Severiano da Luz

(Ensaio Biographico)

Cuiabá
Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso
Anno IX — Tomos XVII a XVIII
1927

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

I

Reparação posthuma

A 20 de Fevereiro de 1917 baixava ao tumulo nesta cidade, onde na véspera fallecera, o P. Bento Severiano da Luz, figura intellectual de destaque no nosso meio, da qual, entretanto, mal se aperceberam, para dar-lhe o devido merecimento, os seus contemporâneos.

Na historia ecclesiástica de Matto-Grosso terá Monsenhor Bento, ao lado do P. Ernesto, do Bispo D. José, do Arcebispo D. Carlos, um logar de relevo, como um dos representantes da cultura do nosso clero no século passado e inicio do actual.

Enquanto essa historia não se escreve não há mal, todavia, em que me antecipe, neste ensaio biographico feito á vista dos escassos documentos que descobri, dando a conhecer aos estudiosos do nosso passado essa curiosa e original organização que foi o P. Bento, que, posto haja nascido no vizinho Estado de

Goyaz, pertence de pleno direito á historia de nossa terra, onde se lhe desenvolveu a intelligência e lhe transcorreu a carreira até o remate da vida accidentada.

Indicia-lhe a estima invulgar pelos estudos e a dedicação notável pelas letras o facto de ter chegado a pertencer — numa época que Matto-Grosso lá fóra se fazia conhecer somente pela má fama de sua politica ruidosa, — á mais antiga e conceituada de nossas sociedades culturaes, o Instituto Histórico Geographico Brasileiro.

Importará esta pallida homenagem á memória de tão prestante cidadão em um posthumo tributo de justiça a quem, desconhecido do seu tempo, continua olvidado dos pósteros, não se lhe averbando jamais o nome em obra que porventura arrolasse os expoentes de nossa mentalidade.

Disse certa vez, em uma folha volante de imprensa, um dos nossos mais autorizados conhecedores do Passado, Estevão de Mendonça, que em Matto-Grosso quem morre morre para sempre. Pessimista embora, que fundo pungente de realidade se observa nesse amargo conceito! E com que satisfação, mais agradável a quem cultivando o direito se educou pela escola do *suum cuique tribuere*, se contribue á exhumação de uma esquecida memória, ao culto de um espírito digno de apreço, impedindo que o olvido pese indefinidamente sobre um sepulcro e ressuscitando, para o juízo sereno e rutilo da Posteridade, aquelle que bem lhe merece o exame investigador?

Tanto mais avulta a grata satisfação da tarefa a que me consagrei si attentar-se tratar no caso da rehabilitação da memória de um ministro da Religião que, por felicidade, professo e que é o credo tradicional de nossa *gens*.

Foi na tarde em que lhe vi passar o enterro — longas filas de Irmandades num aspecto processional, contrastando com a alegria carnavalesca que dominava a cidade naquella rumorosa terça-feira gorda — sentindo o indifferentismo com que os cuyabanos de agora presenciavam o serviço fúnebre de um varão digno de acatamento, que, de mim para mim, formulei o desígnio de estudar-lhe o viver conturbado, algo enigmático, mas de uma belleza moral nos seus começos difficeis e rudes, valendo por um ensinamento áquelles que tem sobre os seus hombros a dura tarefa de se fazerem por si mesmos.

Dahi este trabalho — simples e modesto como a pessoa que lhe é objecto, a qual após uma existência de luctas, provada em mil agruras, vi atravessar as ruas entre quatro taboas humildes de um esquife, rumo á câmara do Silencio e da Paz eterna, enquanto cá fora guizalhavam, álacres, os rumores de Momo — protesto irrisório da vida, infensa que sempre foi aos espíritos idealistas e sonhadores...

II

Menino e moço

O vizinho Estado de Goyaz, a que nos ligam os elos estreitos de um passado commum, entreprendendo-se as nossas tradições como se entrealliam as nossas origens familiares, viu nascer, a 21 de Março de 1854, de gente obscura, mestiça e pobre, aquelle que, mais tarde, pelos fulgores da intelligência, deveria destacar-se dos seus coevos na cathedra do magistério e na tribuna sagrada.

Sua mãe, Joanna Baptista da Luz, filha de João Pereira Guimarães, fôra criada em casa de D. Ignez

da Silva Baptista, tia de Ignácio de Loyola Baptista, em cuja companhia veio o P. Bento para Cuyabá.

Na poética Meia Ponte, cidadezinha tradicional e das mais antigas de Goyaz (1) decorreram os primeiros annos do filho de Joanna Baptista, ora em correrias pelos campos circundantes, ora em amenos folgares pelas margens pittorescas do rio das Almas que atravessa a cidade, até que em lhe chegando a adolescência o enviaram para a capital goyana, onde cursou as aulas do Seminário, com optimas notas (2).

Do mesmo passo aprendia um pouco de musica, não tendo porem, continuado a cultivar a arte divina do rythmo, na qual, por certo, se avantajaria, si lhe não fallasse a necessária perseverança.

O fechamento do Seminário á ordem do Governo veio crear para o estudioso jovem uma situação afflictiva, forçando-o a interromper os seus estudos num ponto em que muito nociva lhe seria semelhante paralysação.

E entre a contingência de volver a sua terra, renunciando de vez seus planos de futuro, ou quedar-se na capital goyana, onde o horizonte mais vasto que lhe era dado lobrigar seria a sua burocratização nalgum emprego secundário, ficou-se, perplexo e indeciso, o pobre rapaz, justamente nessa idade em que a imaginação juvenil, como a phalena, abre as asas, espanneja-se ao sol, no louco anseio de voar e de, num surto de esperanza, percorrer o céu límpido e sereno...

Eis que a Providencia lhe vem ao encontro em salvador expediente suggerido por seu amigo e Pa-

(1) Hoje denominada Pyrenopolis.

(2) O boletim que juntou ao processo de vita et moribus, assignado pelo Reitor P. Nicolau do A. Pinto Vieira lhe regista notas optimas de conducta, applicação e cathecismo, distinctas, em arithmetica, geographia, latim e francez, cadeiras que concluíra definitivamente e plenas em philosophia, rhetórica, história e physica. Foi alumno de 2ª letras do Collegio do Revdo. Dr. Henrique Raymundo de Genettes, como consta de uma certidão junta ao seu processo de ordenação sacerdotal.

drinho Ignácio de Loyola que o convida a seguir na sua companhia para a capital de Matto-Grosso, em cujo Seminário, então em pleno florescimento, lhe seria dado continuar os seus estudos tão promissoramente iniciados.

Não poderia haver, seguramente, por parte do moço meia-pontense reluctancia ou dubiedade siquer no aceitar aquelle convite que lhe acenava com a realização dos seus mais bellos ideaes e ao seu espírito conturbado abria a estrada real de uma carreira entre as azinhagas em que se lhe transviava o cérebro atribulado.

E eil-o já decidido a aprestar a viagem rumo a essa terra que se lhe afigurava a da Promissão dos seus sonhos de mocidade, prompto a emprehender sem receio, mal que jovem e inexperiente, essa transplantação para um meio extranho, algo diverso do seu nativo meio, mas para o qual o solicitavam os pendores de sua alma na miragem deslumbradora de dias melhores e venturosos.

Filho extremoso, não lhe foi possível, entretanto, deixar de trazer comsigo a mãe querida, cujo único amparo nelle se encontrava, e varando cerca de centena e meia de léguas, através de sertões inhospitos, na esfalfante caminhada das tropas, sem segurança e conforto, dormindo o mais das vezes ao relento, exposto a todos os perigos mais apavorantes, do ataque índios e das feras ao risco da travessia dos ribeirões, em longuíssimos dias de exhaurente cansaço e noites mal dormidas no leito improvisado sobre os arreios, — o moço de Meia Ponte se fez rumo a Matto-Grosso, impávido e tranquillo, na convicção de que na nova pátria que a sua dilecção elegera encontraria o pabulo da sciencia e das letras a saciar o seu espírito faminto e a sua mente sequiosa de saber.

O Seminarista

Aqui o recebeu com o vivo carinho com que soia distinguir os eleitos de sua sympathia o então Bispo D. Carlos Luiz d'Amour, que vislumbrava no mestiço goyano uma esperança para a Igreja, um bello talento a ser cultivado e aproveitado.

Entrando para o Seminário da Conceição nelle fez o seu curso, recebendo as melhores notas, reveladoras de sua applicação indesmentidora do que tinha sido em Seminário de Goyaz.

Approvedo plenamente em todas as disciplinas a cujo exame se submeteu — Eloquência Sagrada, 1º anno de Lithurgia, conclusão do curso de Theologia moral (parte sacramental), 2º anno de Philosophia, e curso completo de Theologia Dogmática — foi-lhe sempre modelar o comportamento, e tal o affirmou, em attestado de 13 de Fevereiro de 1882, junto ao seu processo de ordenação, o Cônego Antonio Henrique de Carvalho Ferro, reitor interino do estabelecimento.

Passava, então, o Seminário pela sua phase áurea, jamais reproduzida, senão quando os P. P. Lazaristas, da Congregação de S. Vicente de Paula, lhe imprimiram, entre 1890 e 1894, novo período de vida, ephemero, orem, e logo desaparecido.

A chronica do Seminário da Conceição ainda por fazer-se é um dos capítulos mais importantes e curiosos da historia do ensino em Matto-Grosso.

Fundado pelo Governo Imperial, a instantes solicitações do Bispo D. José Antonio dos Reis, teve o nosso primeiro estabelecimento de ensino secundário a primeira pedra do seu edificio lançada a 7 de Dezembro de 1858 (3), creadas as

(3) Estevão de Mendonça — Datas mattogrossenses, II, 321.

cadeiras de que se lhe compunha o curso pelos Decretos imperiaes de ns. 1149, de 13 de Fevereiro de 1853 e 2245, de 13 de Setembro de 1858 (4).

Ao commemorar-se o faustoso inicio da construcção, usou da palavra o Lente de Theologia Dogmática e Moral, P. Ernesto Camilo Barreto, (5) que, em formosa peça oratória, enalteceu a valia daquella occorrecia e o alcance da ephemeride que abria “uma nova era de educação intellectual, moral e religiosa na província” (6).

A construcção do edificio, commettida ao Cap. Antonio de Cerqueira Caldas, depois Barão de Diamantino, só veio a ultimar-se em 1882 (7).

Foi nesse ambiente de estudos e religião, impregnado de austera piedade e amor aos livros, que o jovem goyano viu formar-se-lhe o espirito, no diuturno convívio com os mestres queridos e, sobretudo, com o Prelado que lhe foi, pela carinhosa solicitude com que o acompanhou até os últimos instantes, um verdadeiro amigo, e mais do que isso, um extremoso pai.

Concluía Bento o seu curso e a sua inclinação para a carreira sacerdotal já manifestada o induzia a abraçar o estado ecclesiástico, no qual via o seu futuro bem encaminhado, azando-se-lhe ensejo também de poder amparar os últimos annos da sua velha mãe.

(4) V. Corrêa Filho — Questões de ensino, pag. 24, nota 18.

(5) O P. Ernesto foi nomeado para a regência dessa cadeira por portaria de 22 de Abril de 1853, desempenhando por mais de uma vez o lugar de Reitor do Seminário. Convem lêr o estudo que acerca dessa notável figura do clero mattogrossense escreveu Ovídio Corrêa na Revista do Centro Mattogrossense de Letras, vol. IV.

(6) Esse discurso, bem como outras orações proferidas no Seminário, entre 1858 e 1865, existe em cópia, num livro de registo pertencente ao Archivo do mesmo Seminário e vale por um índice da cultura dos primeiros lentes daquelle educandário, a que deve a sua formação mental mais de uma geração de cuyabanos.

(7) Relatório do Presidente Alencastro, 1882.

IV

O processo de ordenação

Em 1 de Abril de 1880 requeria Bento Severiano da Luz ao Bispo da Diocese de Cuyabá a sua habilitação *de genere*, visto desejar “ascender ao estado ecclesiástico e ser promovido ás ordens sacras até presbytero”.

Foi a sua petição despachada e remetida ao Cônego Provisor e Juiz *de genere* P. José Joaquim Graciano de Pina.

Do respectivo processo, existente no Archivo ecclesiástico, consta o depoimento das testemunhas Francisco Félix de Campos Curado, Henrique da Veiga Jardim, Ignácio de Loyola Baptista, Francisco Gonzaga Cícero de Sá e Antonio Thomaz de Aquino Corrêa, todos comprovincianos do justificante, os quaes responderam, sem discrepância, os vários quesitos offerecidos pelo Juiz, confirmando os diversos pontos do requerimento.

No anno seguinte justificava Bento o seu compatriotamento, afim de chegar ás ordens maiores, provando, com audiência de 3 testemunhas, residir, ininterruptamente e por mais de dois annos, em Cuyabá, pretendendo ahi fixar o seu domicilio e achar-se no exercício das suas funcções de Capellão Cantor da Cathedral (8).

Prosseguindo no seu desígnio pedia, a 2 de Janeiro de 1882, lhe fosse permittido, conforme lh’o concedera S. M. o Imperador, em carta de licença de 10 de Junho do anno anterior, referendada pelo Barão Homem de Mello, construir o seu patrimônio com o ordenado

(8) A sua primeira nomeação para esse cargo traz data de 16 de Junho de 1880, ficando obrigado a assistir na cathedral, alem dos actos prescritos pelos estatutos, as missas parochiaes nos domingos e dias Santos, ás do Sacramento, nas quintas, e acompanhar sempre o Viatico (portaria de 1 de Julho de 1880).

de Capellão-Cantor da Sé Cathedral, o que lhe foi permitido, sob condição de não pedir dispensa desse emprego sem que houvesse constituído por outra maneira o mesmo patrimônio.

Segue-se, finalmente, em fevereiro de 1882, o processo *de vida et moribus* em que o habilitando demonstrou, com ampla prova testemunhal e de documentos, os seus bons costumes e bem assim o grau de conhecimentos e instrução.

Tinha 27 annos quando, investido dos últimos votos recebeu as ordens maiores que o sagraram levita do Senhor, celebrando, a 2 de Julho de 1882, no altar da Igreja de Nossa Senhora de Rosário, a sua primeira missa. (9)

V

A carreira ecclesiástica

Elevado á suprema dignidade a que, para o espírito de um crente, póde aspirar o homem nesta terra, qual seja a de ministro do Senhor, o P. Bento foi logo aproveitado pelo seu grande amigo e patrono D. Carlos no cargo de seu secretário particular.

Nesse character acompanhou-o nas duas viagens de visita pastoral ao Norte e ao Sul da Diocese, em 1885 e 1887, que fielmente descreveu nos “Itinerários” de que adiante se tratará com maiores minudencias.

Entrementes regia, interinamente, no Seminário, as cadeiras de portuguez e francez, bem como a de latim, esta última como lente effectivo.

(9) “A Cruz” de 25 de Fevereiro de 1917 ao compor-lhe o necrológio dá 1884 como o anno de sua ordenação, mas há evidente equívoco de data, pois na “Província de Matto-Grosso” de 2 de Julho de 1882, sob o titulo MISSA NOVA se lê a noticia de haver nesse dia celebrado o P. Bento a sua primeira Missa.

Acompanhou ainda o Bispo D. Carlos em sua viagem ao Norte, em 1889, fazendo imprimir nessa occasião, na Bahia, o segundo “Itinerário”, relativo ás parochias do Sul.

Querendo aproveitar-lhe o talento e o gosto decidido pelos estudos, enviou-o D. Carlos a Roma, a fim de cursar as aulas da Pontifícia Universidade Gregoriana, onde se deveria doutorar em Direito Canônico.

Grandes e fundadas esperanças nutria o prelado cuyabano nos eu jovem protegido, que presumia viria a ser de futuro uma das mais notáveis figuras do clero secular de Matto-Grosso.

Baldaram-se, porem, taes esperanças ante súbita e cruel enfermidade que veio acometter o nóvel estudante da Gregoriana, impedindo-lhe prosseguir nos estudos e determinando o seu regresso para Cuyabá...

Oriunda que fosse a sua enfermidade da excessiva dedicação aos livros, causando-lhe a sobreposse caracterizada na feição clinica de um desequilíbrio mental, ou qualquer outra que lhe fosse a determinante, não deixa de ser profundamente lastimável que, em pleno esplendor do seu talento, se lhe obumbrasse a carreira, ferindo-o dest’arte, como Arthur Orlando disse o des. Ataulpho de Paiva, ao succeder-lhe na Academia — a doença exactamente na região que mais devera ser respeitado — o cérebro.

Voltou, pois o P. Bento a Cuyabá sem que lhe exornassem a frente as laureas acadêmicas empós das quaes demandara, confiante e resolute, o Velho Mundo transcorrendo-lhe a vida dahi por diante apagada e sem brilho, na penumbra da sua tarefa de cura d’almas na Chapada e, por último, no cargo de Parocho de Nossa Senhora da Boa Morte, que exerceu até a data de seu fallecimento. (10)

(10) A freguezia da Boa Morte, foi desmembrada da Sé e erigida em Parochia pelo Decreto Episcopal de 3 de Maio de 1905 e a provisão que nomeou o P. Bento parocho encommendado da mesma Freguezia é de 18 de Junho de 1905.

Tal, em linhas geraes, a carreira ecclesiástica do P. Bento, que, iniciada entre as mais animadoras perspectivas, se findou em lamentável eclipse, com que o quis, talvez, provar a Providencia, senão demonstrar aos homens a fallibilidade humana e a incerteza de todas as previsões acerca do merecimento, da superioridade do talento, da fortaleza de animo — ante as contingências da vida, tão ásperas e imprevistas que esmagam a vontade mais robusta, si, em todo momento, não nos assiste a própria Fortaleza, que é Deus.

Profunda licção, repassada de amarga philosophia, mas, ao mesmo tempo, consoladora, fazendo-nos ver, nos revezes mais rudes, a possibilidade da regeneração e o porto salvador que, entre o naufrágio, acolhe ainda os que a elle se abrigam confiadamente!

VI

O orador sacro

Era o P. Bento orador dotado dessa faculdade de improvisação que caracteriza os espíritos brilhantes, mas nem sempre profundos e eruditos, porem, em compensação, os seus sermões escriptos são verdadeiros modelos de cultura clássica, repletos de philosophia, a revelarem o seu gosto pela História, pela Rhetórica, pelas ditas sciencias humanistas.

Tomemos, entre alguns outros, á guiza de paradigma, que bem o póde ser pelas suas proporções e perfeito acabamento, o Sermão proferido por occasião da Missa Pontifical celebrada pelo Bispo D. Carlos no dia 31 de Dezembro de 1887, no jubileu sacerdotal da papa Leão XIII. (11)

(11) Desse sermão foi tirada uma edição em brochura, com 27 paginas, na casa do Impressor P. Moseller, Rua da Bella Vista, 34, Cuyabá, no anno de 1888.

Tratava-se de um trabalho vasado nos moldes consagrados da velha Rhetórica, com as naturaes divisões de que se compunham as peças oratórias, facilmente desarticuláveis e que pareciam formar o conjuncto por mero processo de justaposição phraseológica.

Lá estão o exordio — com a proposição do assumpto do discurso, precedido, consoante clássico ensinamento, de um verso “que quasi sempre se tira das sagradas letras” e que, no caso, se consubstancia num dístico do Ecclesiastes; a exposição da matéria, a narração e a confirmação, e por ultimo, a parte final, a peroração, em que o discurso, depois de, na anacephaleose, fazer a summa da these desenvolvida, procura no diálogo “determinar os ânimos” e “dar o último impulso aos corações”, attingindo o grandíloquo, o tom solenne e muitas vezes emphatico das conclusões oratórias.

Si de fóra parte deixarmos, porem, o aspecto formal do sermão e lhe attentarmos na substancia, certo nos convenceremos do óptimo recheio que se nelle contem.

É um discurso vasado em conceitos eruditos, referto de conhecimentos históricos, indicador de profundo senso philosophico e desenvolvido com uma lógica admirável.

Aquella pagina que contrastêa as duas civilizações, a antiga e moderna, é de uma belleza remarcada e digna de figurar em qualquer anthologia.

“Duas grandes civilizações se tem operado no mundo: a civilização antiga e a moderna. A primeira tendia, convergia para um ponto único e glorioso, objecto dos seus votos e das suas esperanças — o presépio, onde desffaleceu aos pés de Jesus; a segunda manou no Golgotha, do lado aberto do Redemptor, e volta incessantemente os olhos para o túmulo de Jesus; alli foi regenerada, alli de novo creada, alli busca o germe de todos os seus progressos futuros, de sua plena glorificação”.

Mais adiante o desenvolvimento da acção catholica através do mundo suggere-lhe, a pag 15, formosa synthese de que é um trecho o que se segue:

“Lá está a Inglaterra suspirando ansiosa pelo momento em que reassumirá seu glorioso titulo de ilha dos Santos. Lá está o Egypto vendo cumprir em seu seio grandes successos; vendo reproduzir-se em seu território, mas no sentido sobrenatural, esses annos de abundancias celebrados nas derradeiras páginas do *Gênesis*.

Lá estão no vasto território dos Estados Unidos multiplicando-se as Sés, celebrando-se concílios, e remotos e triste selvagens abrindo os olhos á luz do Evangelho e sendo collocados na liberdade de filhos de Deus. Lá está em Constantinopla, Tunis, Marrocos e Argel, o nome de Deus sendo publica e devidamente louvado; e o Celeste Império, a Coréa, o Japão e a Oceania a pedirem de joelhos ao progresso que os salve, todos offerecendo scenas dignas dos primeiros séculos do Christianismo”.

Para remate, vai a calhar ainda este trecho, brilhante e profundo, acerca da força da fé:

“Que heróe da antiguidade teve algum dia esta força que vence pacificamente o mundo, que conquista suavemente á Roma christan mais território do que Roma pagan subjugou por armas? faltara-lhes esta força, a principal, a força da fé. *“Haec est victoria quæ vincit mundum, fides nostra”*.

Tivesse-a Alexandre, e não seria o destruidor do throno dos Persas, o delirante furioso armado de ferro e fogo. Tivesse-a César, e não seria o destruidor das Gallias, o fero usurpador do Império de Numa, o carcereiro que lançou cadeias á liberdade romana”.

Há, alem dessas, outras bellas páginas nesse discurso, todo cheio de tropos, imagens, evocações históricas e felizes conclusões apologéticas e moraes. Aqui elle exalta a obra civilizadora do papado “Pedro no

cárcere, Clemente no exílio, Marcelo no cavallariça,” — todos “glorias exclusivas da Egreja”; ali personifica em Leão XIII, o glorioso homenageado, esse prestígio do pontífice de Roma, maior que todos os poderes da força, no seu “papel de concórdia, de reconciliação e de paz”; mais alem faz a apologia do povo brasileiro, que “alem de muito amor de liberdade e muito patriotismo” cultiva esse sentimento de gratidão em máximo grau “o sentimento que mais ennobrece o coração do homem”.

É emfim este trabalho uma bella e valiosa peça que merece lida e meditada, de cuidado lavor e profunda nos conceitos. Por si, quando outros iguaes não houvesse produzido o engenho do seu auctor, bastaria o sermão jubilar de 31 de Dezembro de 1887 a revelar o P. Bento orador sacro de indiscutível valor.

VII

O cultor das musas

Posto se lhe não avantaje o estro em primores de forma ou rutilancias de pensamento, chegando, por vezes, a descer bastante, em composições verdadeiramente prosaicas, vale estudar o P. Bento como poeta, quando menos no intuito de apanhar mais um traço de sua psyché curiosa e inconfundível.

Alem do mais, equivale para os contemporâneos a uma verdadeira revelação esta assertiva, pois seja do nenhum conhecimento que se busca ter do nosso passado, seja da discreção com que o poeta — sacerdote escondia a profanos olhares as suas producções, bem pouca gente entre nós teria por poeta o P. Bento Severiano da Luz.

MONSENHOR BENTO SEVERIANO DA LUZ

Casualmente, na organização do archivo da Archidiocese, levada a efeito o anno passado, dei com dois cadernos em formato grande, capa de cartão, mettidos em meio aos livros antigos de registo de nascimentos e contas da Fabrica da Cathedral, os quaes me chamaram a attenção pelo facto de não trazerem como os demais etiqueta ou rotulo algum que os caracterizasse.

Abrindo-os verifiquei tratar-se de dois volumes de poesias do P. Bento, cuidadosamente copiadas, em elegante cursivo, contendo o primeiro 27 e o segundo, bem mais alentado, 174 composições.

Varias em sua estructura e metro, prepondera no conjuncto o chamado gênero didactico em que se avantajaram Dellile e Castilho, deprehendendo-se terem sido taes versos escriptos pelo professor nos lazeres do magistério, para leitura ou declamação.

Há grande numero de acrósticos, gênero que gosou de muita aceitação entre nós — alguns mottes, glosados, e charadas em verso, notando-se repetições e interpolações freqüentes, sendo que o 2º volume contem muitas das poesias já transcriptas no 1º.

Varia também o idioma em que foram compostas as poesias, entremeando-se ás poesias em vernáculo — a grande maioria — diversas em francez, e algumas, bem que mais raras, em latim.

Predomina uma vulgaridade de temas, evidenciada nos próprios títulos — *O calor, o frio, o passeio, o trabalho* e, raro, fere o poeta a nota regional, como na *Chapada*, na *Prainha* em que transparece, sem grande característica, a alma local.

Aborda, por vezes, a nota patriótica, a religiosa, a encomiástica, notando-se varias composições laudatórias, em velho estylo, sobretudo ao Bispo D. Carlos, o seu grande amigo e protector.

Themas bíblicos avultam sob os títulos “O Dilúvio”, “Noé Salvo”, “Jerichó”, “Passagem do mar Vermelho”

JOSÉ DE MESQUITA

etc. de par com outras composições moraes e religiosas, de que pode servir como exemplo sypico esta:

A RELIGIÃO

Não há sciencia que valha
Quanto val a Religião,
É de todas as Sciencias
A mais pura, a sem senão.

A sciencia seja qual for
Que a ella não convergir
Pode ensinar, instruir póde
De verdades nunca imbuir.

Tanto isto verdade é
Que mais progride a Sciencia
Que do aroma religioso
Rescender a dependência.

Mais se adianta uma Sciencia
Quanto mais a ella se rende.
O Maior sábio do mundo
É o que della mais depende.

Há mui poucos sonetos em todo essa vasta colectanea e entre elles este que não prima pela factura, posto seja dos melhores da série:

Asylo S. Rita

Este Asylo é o jardim onde as crianças
Entre flores de mor viço e frescura,
Entre fructos de esplendida doçura
Encontram as mais vivas esperanças.

MONSENHOR BENTO SEVERIANO DA LUZ

É devéras ditoso paraizo,
Ninguém depara aqui agros espinhos.
E as crianças, como os passarinhos,
Tem em flores matiz e eterno rizo.

No berço azul de sonhos transparentes
Á infância, na sua vida em flor,
O pão do ensino, em licções eloqüentes,

É dado aqui, com puro zelo e amor,
Pela Fé superior e sabiamente,
As crianças adoram o Creador.

Raro, a nota satyrica transparece, nesse Gregório de
Mattos, como o outro um mestiço e como o outro um revoltado.
Lede estas quadras:

“Um aggravo appareceu
Que a toda magistratura
Mui versada na Escriptura
Deu que fazer, adoeceu.

Aprove a um sujeito
Que entendia da matéria
Por vêl-a bem pouco séria
O tomal-a muito a peito.

Vi (pois ninguém me contou)
O sujeito que era rábula
Pejou deveras a fabula
E a magistratura espantou.

Como amostra do gênero regionalista vale citar A
Chapada, versos brancos e de defeituosa métrica.

JOSÉ DE MESQUITA

Ao longe, sob um céu benigno
Assentada em ridente planalto,
Gozando um clima como o da Europa,
Alteia-se risonha e futura
A povoação de nome Chapada,
Da natureza tão bem dotada
Que dentre as outras suas irmans
Que de Cuyabá formam o Estado
É a que promette mais elevar-se
Mais progredir, ser mais adiantada.

Como se vê é de uma trivialidade que se diria antes
prosa e da menos vibrátil, além das impropriedades, como
aquelle “Estado de Cuyabá” e dos defeitos technicos do metro,
parecendo até uma antecipação da moderna escola futurista...

Há boas quadrinhas escriptas em francez como estas:

“Il me parait que l’amour
Pour me prendre a mon devoir
Me disait la nuit passée
Cequi peat un grand vouloir”

“Je n’ai vu un Seul ami
Dont le cœur sois si doux
Comme ce de mon cousin.
Pour ça je l’aime beaucoup.”

E outras em latim, das quaes destaco:

Omnia bene fecit
Pertransit benefaciendo
Mores castigando
Mala delevit ridendo.

Suum cuique tribuere
Norma est antiquissima
Quam cinstantes ab oculos
Habere debent jurisconsultis...

Há uma poesia “A revolução de 1892”, um “Hymno” ofertado á Escola de D. Maria Justina da Gama” e outras produções cujo valor único seria o de ocasião, despidas que são de mérito literário.

Em resumo, P. Bento não era poeta, faltava-lhe ao espírito esse dom da inspiração poética e os seus versos, sobre falhos de forma, peccam por frios, prosaicos, destituídos dessa chama que é o estro. Muitos de nossos poetas da phase romântica — José Thomaz, Pulcherio, e outros — produziam poesias que, na forma, se equiparariam ás delle, vivificava-as esse *quid* imponderável da inspiração que faltava ao nosso biographado. Orador, escriptor fluente, dotado de apreciável talento, o P. Bento incursionou pela Poesia como um extranho ás musas pois, certamente, com maior cultura que os seus contemporâneos que cultivava, a arte poética, jamais se lhes nivelaria si realmente tivesse o dom da Poesia, que inteiramente lhe faltou.

VIII

O autor dos “Itinerários”

Das duas excursões que fez em companhia do Bispo D. Carlos, como seu secretário particular, traçou P. Bento curiosas narrativas, pinturescas e variadas, ás quaes modestamente poz o título de *Itinerário da visita Pastoral*, como si nellas se limitasse á só referencia aos pontos percorridos, quando o seu trabalho vale bem por uma interessante e miúda chronica de viagem.

Traz o primeiro “itinerário” data de 1886 e foi impresso nesta cidade, na Typographia de Emilio do E. S. R. Calhau, constando de um pequeno volume de 81 páginas, no qual se relata a visita pastoral ás freguezias da Guia, Brotas, Rosário e Diamantino, num período de mez e meio, de 26 de Setembro a 12 de Novembro de 1885.

No rosto do livrinho lê-se uma dedicatória ao “Egrégio Prelado e grande pastor do redil cuiabano”, subscripta por Monsenhor José Joaquim G. de Pina, Cônego Antonio H. de Carvalho Ferro, José J. dos Santos Freire e Bento Severiano da Luz.

O segundo *itinerário* foi impresso na Bahia, em 1890, e contem, num volume de 265 páginas, o histórico da visita pastoral ás freguezias de Livramento, Poconé, Cáceres, Corumbá, Miranda e Nioac.

Não se restringe a P. Bento em seus trabalhos á simples descripção do occorrido durante a viagem, antes, com referencia a cada localidade, nota-se-lhe a preocupação de reunir os mais completos dados informativos acerca do seu passado, dos seus homens e dos seus costumes, valendo-se de autorizadas opiniões, como a de João Augusto Caldas, o dedicado cultor de nossa Historia, cuja obra em boa parte se extraviou em mãos inescrupulosas.

É evidente a vantagem que sob qualquer aspecto leva o 2º *itinerário* sobre o primeiro, mesmo no tocante á parte material de impressão.

Sobreleva notar nesses dois volumes a parte histórica referente ás nossas velhas igrejas, como a de Poconé, a que consagra duas páginas do II vol., as descripções de aspectos naturaes, como a dos Campos da Vaccaria, II, pag. 201, de costumes typicos, como as cavalladas e congadas, II, 53 e o “nosso pai”, II, 169, e os episódios curiosos ou tocantes como o da velha que veio procurar o Snr. Bispo *para benzê-la*, (II,11), do

morphetico que se apresentou para ser chrisrado (II, 118) e do velho sovina (II, 246).

A titulo de exemplificação do seu estylo, quando se alçava as bellezas descriptas, lede-me esta pagina em que o chronista das visitas pastoraes se transforma no arrebatado pintor dos quadros formosos da Natureza mattogrossense:

“Logo após a subida da serra do Maracajú desenrolam-se a perder de vista os campos da Vaccaria e a natureza ostenta-se assombrosamente linda. Alem de aura puríssima, céu puríssimo, águas puríssimas, que de vistas a disputar a attenção, occupar o espírito, captivar a alma de quem vai por aquella vasta planície de campos limpos batidos diária e constantemente pelo Sol! De todos os lados do horizonte o observador vê estenderem-se campos de pastagens, representando inmensos taboleiros, que elle se não cansa de admirar, e que não tem outros limites mais do que o mesmo horizonte, que não raras vezes fica em distancia máxima, lá onde a abobada celeste parece fechar tocando com a terra.

Descendo a serra, que é por um declive quasi imperceptível, tudo se muda, o clima é muito mais cálido, os campos cobertos, chão arenoso e pouca água, ordinária e sempre misturada de argila branca”.

IX

Dias de gloria e de triumpho

Como em toda a existência, mesmo a mais humilde, brilha sempre um raio de sol vivificante, e há um dia que se resgata a pena da viver, teve o P. Bento, no seu passar pelo mundo, dias, bem que rápidos, repletos desse falerno da gloria que tanto inebria o cérebro humano.

A fortuna que lhe foi madrastra, impedindo-lhe a satisfação dos mais legítimos desejos, quaes o conseguimento das láureas académicas, teve, entretanto, suas horas em que lhe sorriu em meiguices maternas.

Uma dessas foi quando, moço ainda, recém-ordenado, recebeu, graças á munificencia imperial, á solicitação do Bispo D. Carlos, as honras de Cônego da Cathedral, honras que, em geral, se dispensam, no clero, áquelles que, após uma longa vida de trabalho afan, já batem as portas da velhice.

Pouco depois nova surpresa se lhe ensejava com a sua investidura, por titulo honorífico, na ordem de Christo, com a dignidade de Cavalleiro, sendo effectivado no referido titulo por Carta Imperial de 1887. (12)

Requintando, porem, sobre taes distincções, abria-lhe, em 1892, o Instituto Histórico e Geographico Brasileiro as suas portas, reservadas apenas aos eleitos do talento e do estudo, entrando Monsenhor Bento para aquella alta corporação scientifica ao lado do seu grande amigo e patrono o Bispo D. Carlos Luiz d'Amour.

O parecer favorável á sua admissão na qualidade de sócio correspondente traz data de 25 de Setembro de 1892 e as assignaturas dos sócios Augusto Victorino A. Sacramento Blake e César Augusto Marques, dois nomes conceituadíssimos naquella época entre a alta mentalidade patricia. Um é o reputado auctor do “Diccionario Bibliographico Brasileiro” obra valiosíssima, repertório imprescindível das mais copiosas e eruditas informações acerca de auctores e obras nacionaes e trabalho sem similar no nosso paiz; outro é o polygrapho incansável, collaborador assíduo da Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, que, a par de innumerous ensaios, traducções e memórias, escre-

(12) “A Situação” de 8 de Janeiro de 1888 traz, na secção official, um convite ao Cônego Bento Severiano da Luz para vir prestar o juramento e pagar o sello da referida C. I. que o nomeou Cavalleiro.

véu o “Diccionario Histórico-Geographico do Maranhão” obra clássica no gênero e que lhe valeu “diversas condecorações e entrada em diversas associações”, (13). Foi pela mão de tão distintos introductores que, em sessão de 25 de Novembro do mesmo anno, o P. Bento ingressou no Instituto Histórico (14).

A sua cultura, especializada em assumptos religiosos, mas com grande embazamento nas humanidades e nos clássicos, indicia-se através das leituras que fazia, de modo que a sua admissão ao primeiro sodalício de estudos históricos do Brasil longe de ser obra de favor ou lisonja, se constitue justo premio aos esforços de um espírito que se formara á força de tenacidade e dedicação.

X

Dias de amargor e desengano

De regresso da Europa trouxe o P. Bento o travo da desillusão a amarar-lhe o resto da vida que só o senso profundo da religião — mestra de conformidade e resignação — lhe attentaria algum tanto.

Fugazes como sombras decorreram-lhe os dias até o fastígio da sua vida. Dahi por diante, lentas e dolorosas se lhe iriam arrastar as horas desenganadas. Longe, perpassavam-lhe pela memória, as visões dos dias victoriosos, quando orava nas grandes festividades religiosas ou escolares, como na installação do “Externato do sexo feminino” creado pelo Presidente Souza Bandeira, em 1889 e em tantas outras oportunidades que eram agora vagas evocações de outrora!

O capellão do Asylo santa Rita, infatigável e entusiasta, que, nos “Relatórios” se fazia o chronista do estabelecimento (15); o orador-sacro de renome e o com-

(13) S. Blake — Diccionario Bibliog Brazil. II, 102.

(14) Ver. Trimestral, vol. LX, pag. 364.

scencioso registador das viagens episcopaes, cederam o passo ao obscuro cura d'almas da Chapada, onde lhe transcorreram longos annos, sendo novamente mandado recolher-se a Cuyabá, dando-lhe, por fim, o Bispo a parochia da Boa Morte, que se lhe volveu o campo definitivo de trabalho até os últimos dias da vida.

Foi como Parocho da Boa Morte que o conheci mais de perto, pois que, sem embargo de morar naquelle bairro, vinha diariamente tomar as refeições em casa do Bispo D. Carlos, tendo frequentes occasiões de o encontrar e com elle trocar idéas, logrando avaliar a sua cultura, posto já então estivesse o seu espírito em franco declínio, em vista dos revezes que o accommeteram na última phase da vida.

Apagada, nessa penumbra discreta, confinada ao circulo de algumas amizades mais intimas, transcorreu-lhe essa última phase da vida, até que insidiosa moléstia veio a accommettel-o, recolhendo-se enfermo á casa do seu velho amigo D. Carlos, o mesmo que lhe fôra o protector carinhoso, e o encaminhara nos seus dias de triumpho na carreira que abraçou.

Aggravava-se-lhe dia a dia o estado, já perecendo irremediável o mal, assistindo-o em todos os transes angustiosos o velho Prelado, — caridoso enfermeiro que veio a receber-lhe, na agonia última o derradeiro alento.

Finou-se Monsenhor bento aos 63 annos. E extinguiu-se com elle um dos nomes representativos da cultura do nosso clero secular e, inquestionavelmente, um dos bellos espíritos que floresceram em nosso meio intellectual — desconhecido, apagado, negado mesmo por muitos, visto que a eterna tarefa dos zoilos e dos que nada fazem será desfazer no que produzem os apóstolos do Bem, os cultivadores da seara do trabalho fecundo e da intelligência productiva...

(15) Alem da brilhante Exposição feita por occasião da Inauguração do Asylo, a 28 de Abril de 1892, corre mundo impresso o Relatório apresentado pelo Capellão e Director espirital P. Bento S. da Luz a 22 de Maio de 1893.